

As sutis qualidades da água

Vera Lessa Catalão*

Para que as águas nos revelem o céu é preciso transparência e limpidez. Turvo o espelho, disforme o reflexo, confusa a consciência.

1- A água e o Tempo

O fluxo das águas é inexorável, correr faz parte da sua natureza. Ela aceita ser tocada, mas nunca detida. Diante dos obstáculos ela os contorna e flui. « *A água escapa entre nossos dedos e, como a chama, perfura de inquietante estranheza as nossas certezas estreladas* » diz R. Barbier¹. Estabelecer barreiras para água demanda engenho e cautela, as construções das barragens precisam dar conta da sua impetuosidade que reúne toda sua energia para prosseguir seu curso. Os chineses a comparam ao tempo que passa, pois, em vão, tentamos deter a **água e o tempo**. Yun Dai Yun² conta que Confúcio encontrando-se um dia na beira de um rio disse: « *Tudo passa como esta água ; nada a detém, nem de noite, nem de dia.* » Assim a água que corre e o tempo que passa tornam-se sinônimos do fluxo universal.

A associação da água com a morte é uma outra forma de evocar a transitoriedade da vida e a grande viagem de volta ao insondável. Quando nascemos, saímos das águas, quando morremos, atravessamos o rio do tempo em direção a eternidade. Os mortos tomam a barca de Caron. G. Bachelard³ evoca a existência de um *complexo de Caron* nas mitologias tanto do Oriente quanto do Ocidente e pergunta se não teria sido a morte o primeiro navegador – piloto da grande travessia ? Na mitologia grega, as águas colocavam os homens em relação com a morte. P. Thuillier⁴ explica que Pítia, antes de profetizar, bebia a água do rio Styx, o rio que contorna a região onde habitam as almas dos mortos. O barco dos mortos e a travessia do rio do tempo são imagens recorrentes no inconsciente coletivo da humanidade - um arquétipo na definição de C. G. Jung.

G. Pineau e Jobert comparam o curso de um rio ao da existência humana e tomam essa imagem como metáfora para as histórias de vida ⁵: « *Rio acima está a fonte, a nascente. O passado e o presente agitando-se continuamente nos múltiplos afluentes, chuvas recebidas, terras atravessadas, barragens e estações. A embocadura é a distância que separa do fim do rio, o futuro com seus projetos e rejeitos, suas aberturas, suas perdas, transformações e ressurgências. As margens são os limites, os diques naturais que contêm as correntes, mas permitem suas formas, sua força, seu colorido e sua paisagem. Fazer sua história de vida é o mesmo que criar seu rio* ».

¹ BARBIER, René (2001) conclusão da obra coletiva coordenada por G.Pineau e René Barbier, *Les Eaux eco-formatrices*, Paris, Harmattan , p. 315.

² Op. ci. p. 31.

³ Op. cit. pp. 85-95.

⁴ Op. cit. p. 547.

⁵ PINEAU, Gaston et JOBERT Guy (1989) *Histoires de vie, utilisation pour la formation- tome I*, Paris, l'Harmattan, p. 15-16.

Mas o tempo presente não suporta mais a analogia com o tempo do rio. Vivemos um tempo acelerado e linear, onde aterramos contornos e meandros e o tempo presente escorre em linha reta, sem pouso e sem pausa. Enquanto isso, os nossos rios fluem cada vez mais lentamente esmagados pela « gravidade » da poluição de nossas águas. Também dentro de nós as águas correm pesadas - os problemas da circulação planetária mostram sua réplica nas disfunções de circulação que afetam a saúde do homem contemporâneo. J.C. Bruni⁶ considera que a poluição das águas danifica, de maneira irreparável o rico patrimônio psíquico que nosso imaginário produziu ao longo da história. Pela degradação material, as metáforas esvaziam-se de sentido e de imagem. **Diante do tempo cíclico da vida, nosso projeto civilizador construiu uma grande barragem buscando retificar seu curso cósmico. Fora e dentro de nós agoniza o tempo sinuoso do rio.**

2- A forma sem forma

Entre as muitas qualidades da água destaca-se a capacidade de infiltrar-se em todos os orifícios, revestir todas as superfícies e preencher todos espaços côncavos. Se como entendem as tradições, o ser e o vazio engendram-se, a água é a portadora do ser, pois preenche os espaços vazios e serve a todos, sem diferença. Na sua humildade consiste sua força. A água modela a terra com paciência e persistência, arredonda as pedras e dá contorno aos vales. S.Francisco de Assis, em *O canto das criaturas*, louva sua pureza e a humildade. Infiltrando-se, assume as formas vazias, contornando ou deslizando diante dos obstáculos impostos pela terra, a água renuncia a toda forma própria para gerar outras formas. Os taoístas a definem como o modelo das virtudes de persistência e não-resistência ; «*Nada no mundo é mais dócil e frágil que a água. Entretanto, nada a supera para afetar o que é rígido e forte e ninguém pode igualar-se à água em persistência.*»⁷.

Não tendo forma, assume todas as formas, curva-se aos relevos, jorra do leito profundo da terra e salta como cascata reluzente e sonora nos braços do abismo. Quando o solo é permeável, infiltra-se para mais tarde ressurgir como olho d'água, geysir ou fonte. Transparente, aceita o colorido das substâncias que nela dissolvemos. Na pintura, permite o jogo das aquarelas, enquanto inodora se oferece ao perfume das essências. Hegel⁸ a definiu na sua obra *Philosophie de la nature*, como um modelo de virtude e renúncia : «*A água é o elemento de abnegação, do perpétuo ser para os outros. (...) Sua determinação é a de não ser determinada, por isso em outras épocas foi chamada de mãe de tudo que é determinado* ».

Graças à sua capacidade de fluir incessantemente ela rompe e dissolve a dureza das pedras, transformando as rochas mais duras em fina areia. Seu trabalho obstinado modelou a superfície da Terra ao longo das eras geológicas. Sabe-se que pesquisas realizadas em outros planetas do sistema solar, sondas espaciais detectaram, pela análise do relevo, a presença da água em tempos passados. Tudo se passa como se ela deixasse em toda parte as cicatrizes do seu poder de erosão.

⁶ BRUNI, Jose Carlos (1993) *A agua e a vida*, in *Tempo Social*, S.Paulo, n° 5, p.53-65.

⁷ Op. cit. p ; 78.

⁸ Citado por Theodore Schwenk in *Chaos sensible*, op. cit. p.96.

M.F. Depois-Tate⁹ compara o grande Canyon do Colorado à uma cicatriz de 450 km de comprimento e profundidade de 1 à 2 km « *o rio o entalhou com presteza e nitidez em um planalto de mais de 2600 metros de altitude. Foram necessários 6 milhões de anos, pois a água é paciente* ». Na percepção de Theodore Schwenk¹⁰, « *A água é a melodia de fundo que acompanha incessantemente a vida nas suas metamorfoses. Ela destrói as formas existentes para colocá-las à disposição de uma nova criação. Ela permite a troca das substâncias e as metamorfoseia. Ata e desata, carrega, transforma e recria sem cessar o organismo do nosso planeta* ».

Novalis define a água como « **caos sensível** », reconhecendo nesta forma informe, o elemento plástico por excelência para a modelagem da vida. Na mitologia grega, é a matéria primordial da vida e, para o filósofo Thales de Mileto, o elemento fundador de todas as coisas. Para os cristãos, se as águas não representam o princípio criador, elas permitem o renascimento do homem novo. Pelo batismo, antigamente realizado pela imersão nas águas de um rio ou de uma fonte, restabelecia-se os laços entre o Deus e os homens. As águas detinham o poder de mediar o céu e a terra. A aspersão pela água benta pretende restituir ao ritual a força simbólica das fontes. No imaginário judeu-cristão, pelo dilúvio a água mostra sua fúria diante da iniquidade humana. Todavia, pelo mesmo dilúvio, Noé e todos os seres da sua barca, puderam recomeçar uma nova vida em estado de graça e *religados* ao espírito cósmico criador. O arco-íris, este jogo amável entre a luz e a transparência das águas, passou a simbolizar, desde então, a aliança entre Deus e os homens. « *Se a água nos ajuda a entrar no mundo terrestre, ela também permite nosso renascimento espiritual* » afirma T. Schwenk, citando os versos Wolfgang von Eschenbach¹¹:

Ele se fez batizar nas águas/ nas quais Adão viu sua face/ Da água vem a seiva das árvores/ A água fecundante dá a força a toda criatura neste mundo/ Por que ela clareia os olhos/ E torna as almas tão brilhantes/ Que anjo algum pode em brilho igualar-se.

A água que segundo a tradição chinesa, pode assumir, pela sua humildade, as 10 mil formas da criação, aparece nas religiões, nas mitologias, na poesia, nas artes como metáfora da alma humana. Goethe¹² no primeiro verso do « *Canto dos espíritos sobre as águas* » assim descreve o seu percurso : « *A alma do homem se parece à água / Do céu ela vem, ao céu ela retorna, / E de novo para a terra desce / eternamente alternando* ».

Memória primordial da vida impressa no corpo e na alma, a água simbólica é como uma lembrança permanente do cordão umbilical rompido e sob permanente promessa de retorno. Na psiquê humana, ela lembra o útero materno, aquático pouso do embrião e espaço noturno e sonoro do feto. Retomamos a postura fetal, quando amedrontados ou fragilizados, exprimimos o desejo de retornar a água original ou como queria Jacques Cousteau¹³, voltar ao mar : « *Desde o instante mágico em que meus olhos se abriram no mar, não posso mais ver, pensar e viver como antes. (...) A água tomou posse da minha pele, as formas dos seres marinhos tornaram-se puras*

⁹ SILVESTER, Hans, DUPUIS-TATE, M.F. et FISCHESSE, Bernard (2000) *L'eau : entre ciel et terre*, Paris, Editions de La Martinière, p.79.

¹⁰ SCHWENK, Theodore (1982) *Le chaos sensible*, Paris, éditions Triades, p.76.

¹¹ Op. cit. p. 97, verso do poema *Parzival*, XVI, 817, de acordo com a transcrição alemã de K. Simrock.

¹² Utilizo como fonte a tradução em português, publicada na revista Ananda, jan/fev de 1988, Salvador, edições Sri Aurobindo, p 17.

¹³ COUSTEAU, Jacques (1982) Prefácio à edição francesa de *Chaos sensible*, op.cit.

até o despoimento, o despojamento dos gestos adquiriam um valor moral. A gravidade, eu compreendia de repente, era o pecado original, cometido no dia em que os primeiros seres saíram da água e a redenção somente retornará quando eles fizerem o caminho de volta. ”.

3 - circulação, movimento e ritmo

A fluidez que cria e transforma a vida planetária depende de um movimento constante que permite o encontro da água com o ar. As torrentes das montanhas, o frescor dos regatos, a vivacidade das cachoeiras e as águas primaveris de Bachelard são imagens associadas ao movimento. As águas correntes nutriram e nutrem o imaginário humano simbolizando purificação e regeneração¹⁴, enquanto as águas paradas representam a morte. O curso sinuoso do rio representa o tempo inexorável que limita o início e o fim de todos os seres vivos, enquanto que as águas que um dia migraram para as rochas subterrâneas, quando ressurgem nas fontes adquirem o poder simbólico de restaurar a vida e religar o homem às forças cósmicas que geram e sustentam a vida na terra. O movimento das águas nos transporta, conduzindo-nos na vida real e nos sonhos, a um outro lugar. Para Bachelard¹⁵ a água é o único dos elementos que possui o dom de embalar.

Agente de transporte, solvente universal, a água precisa circular. Quando uma circulação viva é interrompida, uma totalidade é quebrada. O movimento é a qualidade essencial dos líquidos. Para Rudolf Steiner, o movimento circulatório está na origem da formação do homem e do universo : « *O homem, tal como ele se apresenta, é uma forma terminada ; mas esta forma é originária do movimento. Ela foi engendrada por formas arquetípicas que se compõem e decompõem. Não é o móvel que nasce do imóvel; inversamente, é o imóvel tem sua origem no móvel* ».¹⁶ Para Schwenk¹⁷, as formas orgânicas são criadas pela água e pelo ar, mas é o movimento rítmico que as engendra. Todos os movimentos da água são marcados pelo ritmo e qualquer perturbação na sua superfície provoca ondas e turbilhões. Estes últimos revelam o ritmo das águas. Examinando um turbilhão de perto, pode-se perceber que através de um movimento descendente ele se aprofunda e se estreita. Embaixo ele recolhe e traz para o alto as águas inferiores ; em cima torna-se então mais largo e repete sucessivas vezes este movimento em uma pulsação regular.

As oscilações das marés evidenciam o jogo combinado da terra, da lua e do sol. A respeito disto, Schwenk¹⁸ nos diz que por toda parte onde os líquidos se movem, eles se conformam aos ritmos ; não somente as marés são ritmadas ; lagos, lagoas, poços e mesmo as águas subterrâneas oscilam numa espécie de fluxo e refluxo. Alguns cavadores de poços conhecem essa oscilação e escolhem certas épocas do ano para realizar seu trabalho. As correntes marinhas além da forma

¹⁴ Esta capacidade de recuperação resultante do movimento infundiu a crença de que as correntes dos rios carregavam todas imundícies lançadas nas suas margens. Durante a Idade Média e Moderna, em toda Europa, conferia-se um poder ilimitado de purificação aos rios e cursos d'água.

¹⁵ Op. cit. p. 150.

¹⁶ STEINER, Rudolf (1924) extrato da conferência de 24/6/1924 citada por Theodore Schwenk, *Le chaos sensible*, op. cit. , p.131.

¹⁷ op. cit. p. 126.

¹⁸ Op. cit. p. 18.

circular dos seus trajetos, descrevem pequenas rotações enquanto se deslocam. No curso dos rios pode-se observar algo parecido - existe a corrente que impulsiona a água da nascente rumo à foz e um outro movimento ritmado que mistura por meio de pequenos turbilhões as águas mais profundas às superficiais. Em uma pedra no meio do rio, forma-se freqüentemente uma corrente que se repete sempre na mesma direção renovando a água pela ondulação constante. Quando esta corre rapidamente passando por pequenos obstáculos, forma-se inumeráveis cadeias de turbilhões que se emaranham e criam a turbulência¹⁹. Pode-se provocar experimentalmente correntes semelhantes fazendo oscilar um recipiente com água, mesmo aprisionada dentro de um cano a água realiza seus movimentos circulares. Para T. Schwenk²⁰, a circulação do sangue entre os homens e os animais mostra como a natureza de um ser se exprime em suas correntes rítmicas. Como exemplo, cita a circulação lenta de um elefante e a rápida e vibrante de um colibri. A turbulência dos turbilhões faz parte integrante dos processos criativos e Schwenk chama atenção para as cascas rugosas de algumas árvores como *imagens congeladas* pelo tempo de um movimento rítmico original.

O ritmo das águas se revela de forma magistral no movimento das seivas nas árvores. Uma tensão aspira a seiva do nível das raízes até os galhos mais altos e este movimento parece acompanhar o ritmo do ciclo lunar. Quando a subida da seiva alcança os galhos mais altos, devolve água em forma de vapor à atmosfera, demonstrando assim a vitória do elemento líquido diante da pressão da gravidade.

O relato científico de Pierre Cruiziat descreve este movimento ascensional como um sistema circulatório no qual a energia solar é o motor : « *O motor da circulação da água em uma planta é a energia solar que, por intermédio da transpiração, puxa a seiva por toda a planta. É um movimento puramente passivo, sustentado pela energia absorvida pelas folhas, diferentemente do que se passa entre os animais vertebrados que dependem de uma bomba interna – o coração – tirando sua energia do metabolismo orgânico. A água evaporada pelas folhas puxa, cada vez mais, a água que está embaixo. O fato que a seiva seja puxada para cima e não empurrada para baixo resulta em uma importante consequência : a seiva está sob tensão e não sob pressão* »²¹.

T. Schwenk, na busca de religar o conhecimento científico com o conhecimento espiritual e as tradições, descreve este movimento ascendente de uma outra maneira : « *A água tem a faculdade de tornar os corpos mais leves e, através dos seus impulsos, elevá-los, por assim dizer, ao encontro do Cosmos. Isto tem muita importância para tudo que vive sobre a terra. Nenhum crescimento vegetal poderia ser concebido sem essa propriedade da água. Quando, por exemplo, em certas coníferas americanas, a seiva alcança a altura de 80 metros, a água manifesta sua resistência e seu triunfo sobre as forças terrestres ; por toda parte na natureza, ela serve de mediadora entre a terra e o universo, libera os corpos sólidos da gravidade e transmite à terra os impulsos do céu.* »²² Podemos observar que os dois relatos não se excluem, são somente diferentes. A água comporta inúmeras definições, diferentes abordagens, presta-se a múltiplas formas e nada exclui. Sabemos que o elemento líquido é por excelência o meio de trocas e de processos circulatórios, sendo mais propenso a reunir que a estabelecer fronteiras.

¹⁹ SCHENK, op. cit. p.20.

²⁰ Op. cit. p. 33.

²¹ CRUIZIAT, Pierre (1991) *L'eau et la plante* in *On a marché sur la Terre*, ouvrage collectif dirigée par Claire Sabbagh, Paris, éditions ICS du Muséum national d'Histoire naturelle, p.83.

²² Op.cit. p.69.

Novalis²³ percebia uma estreita semelhança entre o corpo humano e o rio : « *Não podemos duvidar que o nosso corpo organiza-se como um rio.* », As bacias hidrográficas que tantos afluentes recebem, enredam um sistema circulatório, pleno de capilaridades, veias, artérias de forma bastante similar ao sistema circulatório humano. No trabalho de formação realizado com os professores tendo a água como tema transversal, essa imagem foi para nós, uma metáfora significativa da transdisciplinaridade. O diálogo das polaridades também estabelece uma analogia com as águas que ora confluem, ora se separam. Rios, riachos, torrentes - todas as águas que correm - permitem o encontro ou a separação de correntes e a mistura de líquidos diferentes, demonstrando claramente esta dinâmica. As águas realizam ainda um outro jogo fascinante entre os opostos, onde cada um preserva sua natureza, mas juntos criam um outro evento. Oscilando entre sua forma original circular e a direção linear da gravidade, a água ondula sobre a terra, sobe ao céu, pouso nas montanhas geladas ou percorre com gravidade o mundo subterrâneo.

4 - A sensibilidade e a memória da água

Neste movimento constante a água, através dos seus vórtices abre seus olhos para o mundo. Essa forma espiralada da vida encontra-se impressa na água e se repete nos estados embrionários de todos os seres vivos. Schwenk considera que os redemoinhos são antenas receptivas do programa da vida. Funcionam ainda como um órgão móvel no seio de um grande organismo igualmente móvel. Por intermédio deles, a água recebe e comunica mensagens. O magnetismo que reconhecemos na água exprime sua sensibilidade, enquanto os vórtices são as extremidades nervosas desta matéria sensível em movimento. Schwenk desenvolve vários capítulos do seu livro mostrando como a água guarda e repete as formas matriciais da vida, funcionando como um órgão sensível através das superfícies onduladas das suas correntes. Essa sensibilidade não é a mesma de um sistema nervoso, pois ela resulta de um jogo de formas móveis, mas para Schwenk²⁴, ela é como que prefiguração da sensibilidade vegetal e animal.

Os turbilhões se articulam em cadeias rítmicas visíveis na superfície sensível das águas. Mas os encontramos ainda como impressões do movimento original nas diversas formas dos seres vivos : no olho, na orelha, nas conchas dos moluscos, nos chifres dos mamíferos (vide o antílope africano) e outras. A propósito da estrutura dos turbilhões como movimento, Schwenk assim se expressa : “*Todos os estágios sucessivos dos turbilhões desde a sua dobradura inicial até o enrolamento completo, podem ser encontrados na natureza nos processos de criação das formas orgânicas. Todo organismo e também todo órgão, no início do seu desenvolvimento, passam por um estado líquido. As possibilidades de movimento que o turbilhão oferece mostram a via pela qual um órgão se diferencia e se especializa com vistas às suas funções. Em comparação com os organismos, o turbilhão de água resta indiferenciado, permanecendo movimento puro : ele representa somente um arquétipo das formas futuras dos organismos. Todas as possibilidades de diferenciação e desenvolvimento são ainda latentes. Isto nos permite de entrever como a gênese específica de cada ser vivo é prefigurada no elemento líquido em nível de movimento puro*”.

²³ NOVALIS, *Fragments*, Paris, José Corti, 1992, p. 278.

²⁴ Op. cit. p. 61.

Na forma e no movimento a água mostra uma sensibilidade especial que pode nos ajudar a compreender em que bases operam os procedimentos de dinamização realizados pela homeopatia. Nos anos noventa, esses procedimentos foram revisitados pelo cientista francês J. Benveniste nas suas experiências laboratoriais buscando demonstrar uma ousada tese sobre a « **memória da água** ». Esta qualidade sensível das águas descrita por Benveniste e refutada pela comunidade científica francesa somente poderia ser captada por um imaginário criativo, crítico e divergente girando na contramão da abordagem científica tradicional. As questões enunciadas por Benveniste apontam para um novo paradigma que se abre para o mistério, tal como antenas espaciais se abrem para captar informações desconhecidas do cosmos.

Michel Schiff, em sua obra « *A memória da água - um caso de censura na Ciência* », considera que a reação ao trabalho de Benveniste coloca em evidência o pânico do desconhecido que se apodera dos cientistas diante de teses novas. Na maioria dos casos, eles não conseguem explicar e muito menos compreender uma hipótese divergente com as ferramentas tradicionais de exploração científica.

5- A teoria da memória da água

Jacques Benveniste era diretor de pesquisas no INSERM (Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale) quando anunciou no Congresso Nacional de Homeopatia em Strasbourg, em maio de 1988, ter observado « *um efeito biológico a preparação de medicamento, quando moléculas ativas foram diluídas a um ponto que não podiam ser mais detectadas fisicamente na água. Tudo se passava como se o medicamento conservasse uma lembrança da molécula, mesmo que na análise microscópica não restassem traços. O suporte de tais fenômenos resta muito misterioso, mas é possível que se o colocarmos em evidência, nos permitirá examinar uma organização da matéria desconhecida atualmente* ». ²⁵ Em outras palavras, Benveniste dizia ter observado, segundo os cânones da ciência, o mecanismo da memória da água responsável pelos efeitos de cura nos medicamentos homeopáticos « *de altas diluições* ». O experimento consistia em diluir uma substância na água, a tal ponto que ela desaparecesse diante das formas possíveis de detecção de substâncias com que a ciência química trabalha.

De acordo com experiências realizadas em animais, Benveniste constatou que a molécula da água parecia guardar uma memória da substância diluída inicialmente : « *Tudo se passa como se a água se lembrasse da molécula* ». ²⁶ A teoria que ele elabora a partir desses experimentos apoia-se em duas suposições fundadoras ²⁷ :

- 1 – A água é capaz de guardar e veicular uma informação molecular ;
- 2 – É possível transmitir e amplificar estas informações.

Michel Schiff ²⁸ cita um documento interno do laboratório do pesquisador onde este coloca a seguinte questão para sua equipe : *como as moléculas se encontram no universo de uma célula que é proporcionalmente imenso ?* Benveniste sugere então que a comunicação molecular dentro de uma célula não se estabelece por contato, mas à distância. Neste caso, a água no interior da célula seria o suporte magnético da mensagem.

²⁵ COLLIN, Jacques (1993) *L'eau : le miracle oublié*, Paris, Guy Trédaniel Editeur, p.138.

²⁶ Conferência de J. Benveniste em Estrasburgo de acordo com citação de J. Collin in op. cit. p.139.

²⁷ site de Jacques Benveniste : <http://www.digibio.com>

²⁸ SCHIFF, Michel (1994) *Un cas de censure dans la Science : l'affaire de la mémoire de l'eau*, Paris, Albin Michel, pp. 25-26.

Em junho daquele mesmo ano, o periódico científico *Nature* publica o resultado dos trabalhos conduzidos por Jacques Benveniste, suscitando um grande furor no meio científico francês. Ainda que três laboratórios : em Revhot (Israel), Milan (Itálie) e Toronto (Canada) afirmassem ter repetido com sucesso a experiência pela qual uma célula sangüínea foi ativada por uma simples solução aquosa contendo um anticorpo diluído a infinito. Todavia, a moção de censura realizada pelo Conselho científico do INSERM,²⁹ e as insinuações de má-fé veiculadas pela *Nature* haviam provocado um descrédito avassalador na reputação do cientista.

Benveniste era um renomado cientista, tido como confiável pelos seus pares e pelas agências de pesquisa, com trabalhos publicados no exterior sobre diversas patologias, especialmente a asma (1971), até que a revista *Nature*, o desqualificasse. Michel Schiff, que em 1992 apurou os bastidores dessa história, classifica o episódio como uma espécie de « caça medieval às bruxas ». Após haver testemunhado várias experiências bem sucedidas, ele convidou outros cientistas conhecidos para observar novos experimentos e o convite foi rejeitado em quase todas as tentativas. O que o levou a concluir « *Eles se articularam para não serem confrontados com as observações de Benveniste* »³⁰. Ainda que Benveniste continue suas pesquisas, o meio científico as ignora, anulando sua palavra pelo esquecimento, tudo se comporta como se fosse um morto-vivo que não deve ser lembrado. Trata-se do efeito « Ben Barka » citado por René Barbier que consiste em desqualificar uma pessoa ou um grupo ignorando totalmente sua produção científica, fazendo-o mesmo desaparecer, em vez de discutir e confrontar suas hipóteses. Por esse artifício, o pensamento divergente é excluído de campo. A homeopatia continua na França e no mundo inteiro a ser consumida por milhões de pessoas e com eficácia repertoriada pelos médicos que a utilizam. Entretanto as verdadeiras questões que a homeopatia coloca continuam intocáveis no meio científico concernente.

6- A palavra da água

Não poderia terminar um texto sobre as águas simbólicas sem falar da palavra e da voz das águas. Que elas falam, quem se põe a escutá-las não pode duvidar. Tão afeita a musica é a água que conduz o som cinco vezes mais rápido que o ar. O canto das baleias intriga os cientistas : elas emitem um som misterioso conseguindo comunicar-se a grandes distâncias. As cascatas ecoam longe sua voz. Os riachos, no fundo das matas, parecem conversar com insetos, pássaros e raízes. Nos pântanos e lagos, as rãs e outros pequenos animais amantes da umidade e da sombra aprendem a falar com a água. Para Bachelard³¹, ela tem um corpo, uma alma e uma voz. A palavra da água é uma realidade poética direta que as cascatas, os regatos e os rios sonorizam com perfeição. O filósofo conclui poeticamente :

«Fresca e clara é a canção do rio. O rumor das águas assume com toda naturalidade as metáforas de frescor e claridade. As águas risonhas, os riachos irônicos, as cascatas ruidosamente alegres parecem ser a linguagem pueril da natureza. No riacho quem fala é a natureza criança. (...) As águas murmurantes ensinam aos pássaros e aos homens a cantar e a

²⁹ A moção de censura do INSERM classificou as pesquisas de Benveniste sobre as altas diluições como obscurantismo científico. Michel Schiff op. cit. p.92.

³⁰ Op. cit. p.71.

³¹ Op. cit. p. 24, 43.

falar. Existe uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana. (...) A água é a senhora da linguagem fluida, contínua e rítmica. (...)

Bachelard³² diz ainda que « *Na tristeza e na alegria, nos seus tumultos e na sua paz, nas suas queixas e nos seus gracejos, a fonte, como a percebe Paul Fort, é « o verbo que se faz águas ». O que dizer enfim das venturas da língua úmida ? Como compreender então certas fórmulas que evocam a intimidade profunda do úmido ? Por exemplo, um hino do Rig Veda, em duas linhas aproxima o mar e a língua : « O seio de Indra, sedento de soma deve estar sempre cheio dele : assim como o mar está sempre inchado de água, assim como a língua está incessantemente cheia de saliva ». A liquidez é um princípio da linguagem : a linguagem deve estar inchada de água. Quando aprendemos a falar - diz Tristan Tzara - uma nuvem de rios impetuosos enche nossa boca árida » ».*

Os Dogon do Mali, na África, que ocupam a região montanhosa de Bandiagara, tiram sua subsistência do cultivo do mil (espécie de cereal miúdo cultivado na África) e de uma modesta criação de gado. A água é rara nesta região de montanhas e falésias e, por isso mesmo, as representações da água têm um papel importante para a comunidade. Os mitos que explicam sua origem contam que o deus Amma formou através da palavra o « ovo do mundo » ou placenta original no qual colocou o germe dos primeiros seres : os gêmeos andróginos. O verbo criador do mundo criou a palavra com quatro elementos : **a terra forneceu seu sentido ; o fogo trouxe o calor do convencimento ; o ar deu o sopro que a faz circular, e água deu-lhe a vida e a fez germinar como um grão.**

Geneviève Calame-Griaule³³ assim descreve a importância da água para a emissão da palavra entre os Dogon :

O vapor sonoro da água aloja-se na orelha do ouvinte, resfria e torna-se novamente água que irriga o corpo e provoca efeitos psicológicos que possibilitam a palavra. Ao nascer, a criança passa do estado de peixe silencioso que vive na água-mãe à condição de ser humano falante ; ela grita manifestando seu pertencimento à sociedade dos homens vivos, pois os mortos não falam mais. Se resta uma aparência de palavra, ela erra sem respostas, levada pelo vento que passa ressecando-a, pois a palavra dos mortos é seca.

Impressionante sincronicidade,³⁴ na acepção de junguiana, entre a visão de G. Bachelard, da tradição hinduísta, de Tristan Tzara e dos Dogon de Mali. A palavra precisa da água para se manifestar. Também no livro de Gênese, no princípio do mundo, o Verbo divino soprou sobre as águas primordiais a palavra criadora. Separou então as águas, o céu e a terra, criando todo o Cosmos.

Conclusão

Nesta breve introdução ao tema, buscamos mostrar como a sensibilidade da água evidencia-se nas suas capacidades de religar, de conduzir, de diferenciar, de seguir trilhas diferentes, de

³² Op. cit. pp. 209, 215.

³³ CALAME-GRIAULE, Geneviève (1990) *L'eau, la femme et la parole (Dogon du Mali)* in *Le grand livre de l'eau*, op.cit ; p.53.

³⁴ Carl G. Jung define sincronicidade como sendo « *coincidências plenas de sentido que não podem ser compreendidas mediante o princípio da causalidade* » Jung, C. G. (1991) *Sincronicidade*, Petrópolis-Rio de Janeiro, editora Vozes.

emergir, de infiltrar-se, de adaptar-se, tendo como único **dever e devir**, correr e circular. Que metáfora e que símbolo poderiam ser mais apropriados ao movimento transversal que propomos para a educação hoje? O educador trabalha com o verbo capaz de criar mundos, emergir continentes, adormecer potencialidades. A água que fala, a palavra da água que germina na percepção dos Dogon do Mali poderá umedecer nossa saliva, saciar nossa sede de justiça e fertilizar uma educação para a solidariedade e o amor. Possam ser as águas fluído e fluxo de conexão entre todos seres dessa nossa *Terra-mátria*, pouso e abrigo da Vida.

** Vera Lessa Catalão é autora da tese de doutorado em Ciências da Educação « Água como metáfora ecopedagógica – uma pesquisa-ação junto a uma escola rural no Distrito Federal », defendida na Universidade de Paris VIII em janeiro de 2002.*